## 502. açores (maio 2011) Luciano 1

no início era o fogo

e se fez verbo

depois,

vieram os tremores

e se ergueram ilhas

vieram pássaros e árvores

arribaram gentes, gado e corsários

e brotaram açores

a terra insolente

insilente vomitava

humilhava vilas e aldeias

em debandada as gentes

alvoravam votando com os pés

depois, veio a fé

construíram capelas, igrejas, santuários

romarias, procissões e devoções

acartando nacos de terra no bornal

desbravando mares oceanos

colonizando havais, américas e brasis

miscigenando nações

sempre leais

fiéis

saudosos

do verde

das vacas

dos picos

regressam libertos de feudais grilhetas

**perpetuam mitos**

**impérvios ao progresso.**

## 5**04. volitando** maio 2011 chrys 1

vieram os deuses

plantaram ilhas

onde dantes havia água

nasceu a ilha-mãe,

havia a mãe-ilha,

outra era marilha,

uma a ilha menina

outra ilha-filha

nove irmãs

filhas de poseidon e de afrodite

nascidas da espuma do mar

nos montes verdes

rugiam dragões

cuspiam chamas

tremiam os chãos

secavam ribeiras

vomitavam magma

choviam trovões

de thor filho de odin

esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos

amanhadores de rochas e fomes

desbravadores de mínguas

crentes e temerosos

orando promessas seculares

criam no destino sentindo-se culpados

ainda hoje penam

liberdades que não pagam dízimos

votam com os pés da emigração

a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre

romeiros em promessas várias

açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias

perenes escravos destas ilhas

escrevem a história que poucos leem.

## 507 tanto mar (ao vasco pereira da costa) [pico, agosto 2011] pedro p 1

entre nuvens escrevo

tanto mar

e nele flutua

a tua prosa

tanto mar

e não cabem nele

os teus fogos ocultos

pairando sobre as ilhas

te deram vida

sustento

inspiração

tanto mar,

no teu pequeno bote

prenúncio de liberdades

cravos e rosas

espinhos e espigas

tanto mar

tanta montanha

vulcões por trepar

maroiços por construir

baleias por harpoar

pescador de palavras ilhíadas

lavrador de poemas

da prainha do pico

à heroica angra

ao choupal das letras

tanto mar

e não cabem nele

teus livros por acabar.

## 510. lancha do pico – a josé dias de melo (pico, agosto 2011) chrys 2

lá vem a lancha

lá vem

traz imigrantes, viajantes

memórias vãs por limar

da terra, do fogo

do tempo sem prazo

da fome e do medo

das socas de milho

das pedras por maroiçar

votaram com os pés

fizeram-se ao mar

sem botes nem baleias

para a lonjura das amercas

novas vinhas por esmoutar

voltam abonados

impantes de dólas

sem sueras nem albarcas

ao rossio do mar

lampeiros, apatacados

emigrantes mendigos

de memórias por aparar

perderam as terras

ganharam o mar

lá vem a lancha

lá vem

a bordo não traz ninguém

picarotos perdidos

como só esta ilha tem

comem e bebem

reveem parentes

e gente de bem

perdidos em tempos idos

repetem saudades dos entes

sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões

pagam dízimos e promessas

missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões

lágrimas da ilha que os repeliu

do sangue fizeram vinho

do magma medraram uvas

em terra de rola pipas

debouçam bocainas, traveses e jarões

plantam casas e novos luxos

nas ilhas vazias de gente

com leiva de memórias idas

musgo de antepassados

à espera de filhos e netos

sem regressos nem partidas

lá vem a lancha

lá vem

vazia

já não traz ninguém

## 539. destino ilhéu, fevº 2012 carolina 1

olhei para o espelho dos dias

e vi-te partir

silente como chegaras

sem sorrisos nem lágrimas

vestias um luar sombrio

deixavas vazio o leito

num luto antecipado

agarrei as nuvens que passavam

levado na poeira cósmica

carpindo dores antigas

acordei sobressaltado

o livro da vida nas mãos

o livor nas faces

o fim há muito antecipado

ficar era o destino

sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

## 559. alabote 2, (ao eduardo bettencourt.pinto agosto 2012) Luciano 2

o mar de novo

e sempre

as ondas e a espuma

sem sabor a maresia

esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar

numa ilha

## 624. permanências (à judite jorge), agosto 2013 pedro p 2

esta gente daqui e dali

até do loural onde já fui

tem todo o tempo do mundo

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

tem o respeito e o medo

o isolamento e a distância

esta gente daqui e dali

só tem futuro fora da ilha

mesmo sem sair dela

esta gente daqui e dali

viaja um harmonioso roteiro

no difícil equilíbrio das agruras

nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali

entre ter e ser

ficar e partir

tece a bela açorianidade

## 632. ser açoriano, Agosto 2013 chrys 3

não se é ilhéu

por nascer numa ilha

é preciso sentir-lhe a alma

partilhar raízes e dores

acartá-la nos partos difíceis

tratá-la nas enfermidades

acariciá-la nas alegrias

plantar, semear e colher seus frutos

alimentar as suas tradições

preservar a sua identidade

não se é açoriano

sem amar as suas ilhas

levá-las ao fim do mundo

morrer por elas

com elas

para elas

## 641. aos açores, agosto 2013 carolina 2

…

aos açores só se chega uma vez

depois são saídas e regressos

transumâncias

trânsitos e errâncias

…

dos açores não se parte nunca

levamo-los na bagagem

sem os declararmos na aduana

acessório de viagem

como camisa que nunca se despe

…

nos açores nunca se está

a alma permanece

o corpo divaga

mas a escrita perdurará.

## 644. ao cristóvão (de aguiar), pico, ago 2011 luciano 3

descobriram no pico

maroiços milenares

piramidais construções

galerias ocultas

sem múmias nem tesouros

sem origem nem fim conhecido

falaram de fenícios, cartagineses

gente da pré-história

mas a verdadeira pirâmide

reside mais a norte

em s miguel arcanjo

numa atulhada falsa

com vista para s. roque

é a universal biblioteca

da nova alexandria

é lá que todas as noites

os livros se põem a dançar

debatem e trocam impressões

dão conselhos e admoestações

referem prodigiosas citações

partilham bailhos e saber

da universidade da açorianidade

## 574. soletras autonomia, abr 2013 chrys 4

ilhas de névoas e gaze

de novelões e conteiras

do verde e do azul

ó gente de basalto

quem canta a tua gesta?

terras de maroiços

cais de rola-pipas

mar imenso abraseado

lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes

poetas, pintores e artistas

anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal

da escravatura da fé

do atavismo ancestral?

soletras autonomia

gaguejas liberdade

titubeias emancipação

com laivos de insubmissão

## 702. PICO ao urbano bettencourt novembro 2017 Pedro p 3

no rossio do mar

plantei as vinhas da vida

nos poços de maré

bebi água insalubre

nas bocainas, jarões e traveses

colhi o néctar dos czares

esta é a magia da ilha montanha

nela me sento e me sinto

órfão da atlântida perdida

## 703. mar de palavras, à ana paula andrade - janeiro.2018 carolina 3

parti as palavras

como quem parte pedra

com elas calcetei avenidas

de sonhos incumpridos

plantei catos e cardos

como quem planta rosas

colhi espinhos

como quem colhe pétalas

e do ramo que te ofertei

brotaram sons felizes

neste mar de letras que habitamos